Manoel Salvador Sanches Fernandes

A LYRA DA INDIA

Poemeto

1907

BASTORA
TYP. « RANGEL »
Quinta de Boa-Vista
1907

A LYRA

DA

INDIA

Parara na cidade, entre a turba radiante,
as lyras do Trabalho, as theorbas doiradas,
que rugem aos clarões das brancas alvoradas
o canto do Progresso, a epopeia gigante.

Emmudecera a voz das forjas collossaes
nas grandes cathedraes da Ideia e d'Officina,
onde se forma o invento e se funde os metaes
em molde semelhante ao que só Deus germina.

E em doce quietação immergia-se o Mundo.
E que magico albor em toda immensidade!...
O pelago titan, o grande mar profundo,
era um bardo a cantar poemas de Saudade.

Fulgiam n'amplidão as estrellas radiosas;
abriam-se ao luar as syndrimaes mimosas;
rendavam d'oiro o mar as praias scismadoras;
e, como hostia de fogo entre explosões de auroras,

caminhava, triumphante, a Lua alvinitente.
E era fulgente o espaço e eram d'oiro as neblinas.
Murmuravam distante as fontes crystallinas;
voavam morounis em busca dos seus ninhos;
descançava o mendigo a beira de caminhos.
E eu, ante o quadro enorme, ante os monstros scenarios,
das torres, dos museus, dos pagodes lendarios,
das fontes collossaes, das immensas arterias,
dos grandes hospitaes,—os templos das Materias —
sentia na minh'alma um turbilhão de Visões
dos Vishnús e Brahmãs, das Mortes e Caixões,
dos Boudhás, Marconis e dos Pasteurs gigantes.
abrindo-me as caudaes de versos scintillantes,
irradiantes, de luz—sublimes, de harmonia,
versos como crystaes, que um sol d'oiro allumia.
Mas eu queria a Musa alada dos condores...
dos Valmikis geniaes, e homerinos fulgores,
para em verso cantar os Pandavas modernos,
para escalar os ceus, devassar os infernos,
para entrar nos bordeis e azorragar o Vicio,
levando o riso ao Lar onde campeiasse o Exicio;
p'ra em verso sublimar as tristes Sacountalas,
p'ra enchel-as de festões, para poder nimbal-as,
p'ra exterminar o Mal, que este mundo gangrena.
com lagrimas lustraes e coleras d'uma hyena;
para expurgar, emfim, do hemispherio os atheus
e eleval-o em seguida, immaculado, á Deus,
perguntando-Lhe o enigma, enorme, das origens
d'essas Constellações, dos Mundos, das Vertigens.
das grandes Ambições, d'esses Males profundos.
que enchiam de pavor os resgatados mundos.

Eu queria cingir a corôa da Gloria
e quando fosse heroe e tivesse a Victoria
para sempre dormir sob uma fria lousa,
como estatua glacial, que nas campas repousa.

Sim, é tão bom morrer quando se está feliz...
morrer architectando idyllios mil de Amor!.....
quando se está á sonhar, curvar mansa a cerviz
e o circuito fechar da Existencia, sem Dor!.....

Mas, ai de mim ! o ideal era vasto e arrojado.
E eu tão pequeno e só, e eu com tão frageis hombros,
como podia erguer-me ao throno albodoirado,
sem concepções viris e sem lyra de assombros ! ? ...

Não pode a inspiração alar-se ao ceu, como aguia,
sem que a altura a despenhe e sem que a queda esma-
não pode o menestral ter a lyra de um genio; [gue-a;
o seu campo é o luar ; a rua, seu procenio.
E a fria convicção d'esta triste verdade
punha-me n'alma a Dor e punha-me a Saudade.

Subito o ceu se abriu em turbilhões de luz
e d'uma cathedral flammigera, alta, enorme,
uma donzella eu vi, com os braços em cruz,
adejar para mim, n'um adejo uniforme.

O' que linda Visão ! O' que sublime assombro !...
eu via assim surgir, de luz aureorosada,
das brumas do meu Sonho auroral feito escombro.
que eu julgara sem Vida e d'uma côr fanada !

Eram caudaes de luz as suas tranças loiras ;
os olhos, côr do ceu ; o andar, de antigas moiras ;
torres brancas de Amor o collo palpitante,
sob a tunica azul, sob a gaze fluctuante.
E eu tinha, ao vel-a assim n'essa vaga nudêz
a linha esculptural, a enorme flexidêz,
a cutis de setim, os pujantes contornos,
a cintura, os quadris, os lindos braços mornos,
herculeas tentações induzindo à beijal-a,
em fremitos de amor, depois de desnudal-a.

E a Visão a sorrir vendo o meu doido intento
inclinou-se á beijar-me e á beijar me disse lento :

« Vibram sons de ballada as sereias nos mares ;
são plumas d'oiro astral as toucas dos palmares ;
sopram brizas subtis ; voam nuvens polichromas ;
rebentam nos jardins as explosões de aromas.
Ah ! como é bom sonhar, n'esta calma nirvanica.
essas mysticas Fés da religião brahmanica,
as Pramanthàs ideaes, as Parvotys supremas,
levando o riso ao Lar e ao Vicio pondo algemas !...

O' Vate sonhador d'estas terras de Aurora,
onde campeia a Luz e a Poesia se inflora,
eis a Musa viril de cyclope idealismo
que aguarda a tua lyra e aguarda o teu civismo;
inspira-te nas Visões d'esses genios pujantes,
nos Deuses, Gopicás, Apsaras e Gigantes,
e arroja-te ao Azul, ao grande ceu ignoto...
ao ceu do Paganismo oriental e remoto;

inunda a Alma de Luz, veste a lyra de flores,
e vem, que eu te transporto á região de esplendores,
dos Monstros e Joguis, dos Faquirs e Suttis,
Castellos de coraes, Palacios de rubis,
dos Vedas, dos Rishis, de Upanishads e Leis,
do *Svayamvara* antigo e *Aswameda* dos reis.

Espraiam-se ante o olhar os amplos horisontes
com thesouros sem fim e inexploradas fontes;
estagnam-se na treva os Brahmanidas e Hinos,
perdem-se no pagode os Mantras crystallinos.

Filho altivo do Oriente, ó tu Poeta indiano!
ergue as dobras da lenda e com valor titano
desvenda os rubros soes, que a Indifferença obumbra.
Não se pode perder tanto oiro na penumbra.
Tem thesoiros o mar, tem riquezas a terra,
mas é zero para nós isso que o ignoto encerra.

Brahma ! Vishnu ! Sivá ! a trimurti potente !
eis ! as grandes creações d'uma epoca esplendente.
que, na India, desfraldou o seu pendão de Luz
antes da lei boudhaica e antes da lei da Cruz.
E' essa epoca doirada, é essa epoca gigante,
que exige as vibrações d'uma lyra possante,
da theorba viril, que ruja furibunda
o canto dos Heroes e nas almas diffunda.
Sê tu o ardente arauto annunciando sonora
a Poesia sublime, a Poesia da Aurora.

A India seja o teu deus, seja a lyra o teu templo.
que da bella oração saia de ti o exemplo.

Olha ! vês essa sé d'onde ha pouco eu sahi ?
Eil-o ! o rico Pantheon, o grande capitolio,
onde Maggh, Zenabay, Kalidass, Valmiki,
e cada obreiro tem um luminoso solio.

Filho! se queres ver esses genios egregios
tuas azas estende e ergue-te ao ceu commigo,
que a noute se assemelha aos aposentos regios,
é formosa a jornada e a senda sem perigo.»—

E eu senti-me erguer manso às regiões do Sonho,
caminhando atravez de fulgentes neblinas;
voavam collossaes nuvens no ceu risonho;
partiam vibrações das auras, crystallinas.

Mansamente à girar, lembrando aerolitho,
perdia-se no vacuo a Terra, scintillante;
novas constellações fulgiam no Infinito;
cometas, á brilhar, perpassavam distante.

Um argenteo clarão illuminava o Espaço
e, quaes rubros vulcões em linha insuperavel,
uma explosão de soes irrompia, admiravel,
ante o meu doido olhar, lasso.

E eu disse assombrado :

« Branca flor do meu Sonho, ó deusa das Visões,
que me incendeaes o seio em flamma das Paixões,
o esforço è de titans, o esforço è mais que humano.
Por Deus ! não me abysmeis n'esse rutillo oceano.
Como pode cantar meu estro, tremebundo,
tão cyclopico ideal, mysticismo tão fundo,
com avalanches d'oiro e mythos sublimados,

com reis, encarnações, preconceitos doirados,
com pyras e *tulôss*, com lenda e sacerdotes,
seguindo em procissão, á luz de cem archotes,
ao grande ceu do Bem, ao ceu de alta Virtude !
E nem pode um christão, sem que da crença mude,
sublimar os avós na lei do Paganismo;
não que a seita brahmanica seja um abysmo;
não! Deus è universal; só o modo è que é diverso,
por que se guarda a fè em volta do Universo.
Mas, ó não me falleis em rude apostasia ;
antes me venha a Morte em vez da lei gentia,
que a Fama collossal e Glorias tão mal ganhas
só tem as maldições, por fallas tão extranhas ;
e o Mundo, jà não crê em chimeras sublimes
n'esta epoca de Luz, que espanca a Treva e os Crimes;
a Verdade flammeja, a Verdade campeia
nos tugurios do pobre e nas forjas da ideia;
e os Reis e Racshassás, os Ghandharbas e Apsaras,
são para elle illusões, utopias preclaras,
só feitas p'ra illudir o sceptico e o descrente
n'uma era antiga e mà da religião nascente».

«O' tu, aguia viril, que empunhas uma lyra !
ouve: é um erro o suppor que tudo isso è mentira,
ou que chimera é um zero e a Visão não existe.
E' a essencia do real tudo que em sonho viste.
Os Castellos da lenda e os Palacios doirados,
são derradeiros ais! d'esses tempos fanados,
são cinzas da grandeza herculea hoje em ruinas...
As lindas Gopicàs e as Apsaras divinas,
Kauravas, Racshassàs, Surgrivas, Reis e Ascetas

é um mundo real feito em sonho de poetas,
um mundo, que sumiu nas penumbras da lenda.
Dedilha tu a lyra e os rubros soes desvenda.

O sonho de Poeta, a concepção potente
e a chimera não são simplesmente utopias;
são manifestações d'um dom clarividente;
são visões do real envolto em phantasias.

A degeneração humana é lenta e estavel;
a força diminue sem mesmo ella sentir;
o que hoje te é real, positivo, palpavel,
ha de ser illusão no longuiquo porvir.

E o Mundo não concede a superioridade
ao genio que isto vê, porque perde o seu brilho
e tem de confessar a Intellectualidade,
sem vigor e sem luz, perdido em falso trilho.

Paremos aqui. Eil-a uma nuvem, que passa
levando cherubins de velludado collo;
são fadas divinaes das estrellas do polo;
são mulheres com voz da briza que perpassa.

Ó quão lindo o cantar! e quão doce a volata!...
Tem ora vibrações d'uma chuva de perolas
ora lembra um crystal soando harmonias querulas,
que encanta o coração e a noss'alma dilata.

Poeta, no teu mundo ha mulheres assim...
ou fadas immortaes feitas d'oiro e de neve ! !...
não ! têm todas a côr de esmaiado carmim

e lento o passo, em vez d'um esthetico e leve;
concebe-as em Visões o espirito-poeta;
mas chamam Illusões, ao que é obra de um estheta,
seja embora genial, seja clarividente,
o vate que as criou no molde da phantasia,
semelhante ao real, visto pelo estro ardente,
que lhe serve de lente e espelha o que não via.

Mas tu que és um Poeta e tens a alma alada
ergue-te altivo ao ceu, em forma d'uma fada,
e, em gesto soberano, esparge os sons frementes
dos cantos auroraes, dos poemas ardentes;
troveja a tua lyra athleticas radiante,
produzindo as caudaes da epopeia gigante,
onde os Gonapotys, Bharatas, e os Ravanas,
os arcos de Xivá e a Alma do Lacshimanas,
o Parasu Ramá, e a flor dos lupanares,
Saniassis immortaes á sombra dos palmares,
os tormentos crueis do Daçaratha triste,
a Kaikeyí mais vil que tudo quanto existe,
a lenda collossal dos eclipses solares,
Sitas e Drupadys, Vishvamitras e Lares,
tudo banhe no orvalho oirado de sublime,
e hajam loiros ao Bem e haja castigo ao crime.
A inspiração viril é apanagio do genio,
mas o Trabalho só pode abrir o procenio,
que dá ingresso à Fama e dà ingresso à Gloria.
Só o Trabalho, o Trabalho ergue alto a Victoria.
E quem te disse que o ideal grandiloquo e rutillo,
que agora vos tracei, tão liso e tão tranquillo,
te pede a apostazia ou te pede a descrença !

Não! quer só teu civismo e a expulsão da Indiff'rença
pela Poesia da India, a Poesia hodierna,
que ha de fazer surgir na geração moderna,
lyras transcendentaes e theorbas gigantes
para em verso cantar essas Musas radiantes...

Poeta! eil-o Pantheon, os paços collossaes,
esse rubro pharol, que o nome ao Futuro conduz;
e onde brilham, quaes soes, os genios divinaes
em thronos de rubis, nimbados de alva luz.

Caminhemos além, junto ao adito ingente.
O que forte explendor na marmorea fachada!
Vês? semelha a Visão, feita de luz nitente,
em que a porta do ceu viu Jacob alb'doirada.

Na nave, de um fulgor de opala, deslumbrante,
os mosaicos gracis mostram telas enormes:
são quadros de pavor com gigantes informes;
são heroicas acções d'uma epoca distante.

Cingem festões de acantho os corynthios pilares,
com relevo doirado e marphim embutido;
perpassam vagalhões d'um rithmo dolorido;
trovejam n'amplidão uns mysticos cantares;

São poemas titans, epopeias astraes
de Maggh, Mucundaráj, Pandita, Ramadass
e essa enorme legião de poetas geniaes,
com concepções viris e arrojo feito de aço.

São hinos magistraes, cantos d'oiro e de luz
do Telanga, Muctabay, Chrisnagi, Tucaramas,
que se ergueram ao ceu das sublimadas famas,
nas azas d'esse ideal que a tua alma seduz.

Vê que enorme fulgor d'esses solios rutillos!...
vê que rubro clarão d'essas lyras doiradas!...
sim, vê, em cada altar, que de brilhos tranquillos!...
vê que estros collossaes à fulgir como espadas...

Aguia! ala-te ao Azul e co'estranha coragem
rasga os pesados veus, que outros temem tocar;
dedilha ardente a lyra; é tua esta miragem,
é tua a inspiração e teu o meu cantar.

Sê genio divinal, o genio da Poesia
indiana, original, scintillante, suave,
de verso altivo e brando, em que a mythologia
será nova e subtil, de compostura grave.....»

E lento se esfumou esta Visão doirada;
fanou-se o alto Pantheón; vaporaram-se os mythos
e ante a Vida real e ante a branca Alvorada,
a minha alma chorou saudosa do Infinito.

Pangim, Março de 1907.